DOCE DE SANTO. UM DIÁLOGO ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO

José Henrique Barreto
Doutor em Medicina PPGMS/UFBA e Mestrando em Artes Visuais MAV/EBA/UFBA

Luiz Cláudio Campos
Mestre em Artes Visuais/UFBA

RESUMO:

Esse artigo traz à discussão a perpetuação das práticas artísticas, além da arte como objeto de consumo. Este projeto possui uma temática atual que propõe a criação a partir de conexões multidisciplinares. Transitando pela frágil fronteira que permeia a cultura popular e a cultura erudita, em primeiro olhar, elegeu-se trabalhar com Cosme e Damião pela popularidade, plasticidade e a magia que envolve a sua devoção. No momento seguinte, o projeto foi expandido para as possibilidades de leitura sobre o real e o imaginário, além das interlocuções entre cultura e visão social, contribuindo para o desenvolvimento de ações o imaginário de cada artista foram inseridas na proposta, selando um acordo com a contemporaneidade.

Palavras-chave: real, imaginário, cultura popular, cultura erudita, contemporaneidade.

ABSTRACT:

The purpose of this paper is to discuss about the perpetuation of the artistic practices. In addition it makes us reflect about art as an object of consumption. The thematic of this project is up to date and considers that the creation is due to multidiscipline connections. Transiting along the fragile border that goes from the popular to the erudite culture, it were initially chosen to work with the catholic saints Cosme and Damião because of their popularity, the magic and plasticity that involves their devotion. After, the project was opened to the possibilities of working with real life, dealing with culture and social vision. These thoughts promote the development of the artist's imaginary and link this proposal to the contemporary world.

Key words: *real, imaginary, popular culture, erudite culture, contemporary*

Introdução

À Arte cabe a função de propor uma organização harmoniosa dos elementos com que trabalha, sejam visuais, sonoros, gestuais ou outros. Ela possui referências em substratos de alcance do cotidiano do ser humano, do onírico, do surreal. A obra de arte rejeita o trivial. É portadora de recusa, de esperança e deságua na necessidade

de outro mundo. Assim, faz o artista enveredar pelo universo da imaginação em busca do momento criador, e leva o curador a concatenar conceitos e fazeres.

"Doce de Santo" fala de registro, de apropriação, de rede, de relíquia, de relação, de estética, de criação, de conceito. Como vertente idealista, trabalha-se com "aparelhos de significados", como Marcel Duchamp definira anteriormente os *ready-mades*. Frascos, vidros, compotas são os aparelhos desta proposta, que permeiam diversos territórios de significação, de acordo com a singularidade do modo de olhar cada pessoa.

Para traduzir a importância e a necessidade do registro, de rede, de difusão, de diálogos possíveis, tomamos como base uma atitude de Serge Daney, em que nas suas inúmeras viagens aos quatro cantos do mundo sempre se satisfez com os cartões postais. China, Japão, Brasil, Vietnã, Índia, África negra, norte da África, Camboja, entre outras paragens. Assim, Daney tinha nesses postais as "provas documentais de sua existência".

> "O cartão postal, para mim, foi a imagem, a única imagem possível depois do mapa de geografia. Sempre enviei a todo mundo, segundo meus amores, minhas amizades e minhas fidelidades. (...)". "Sinais de vida", "garrafas ao mar". Foi uma espécie de "cinema bastante autista que fiz com pedaços de papelão, selos variados e o endereço maternal que jamais mudou em trinta anos. (...) Um dia (...) compreendi que o único fio que dispunha para estabelecer, ano após ano, minha cronologia, eram os mil e quinhentos cartões enviados à minha mãe (...)"

A fotografia documenta, registra, dá conta da "mortalidade" das coisas. Preserva de modo estanque o momento, o ato, a ação que se foi. Desconhece o tempo futuro sem transmitir esperança; no melhor dos casos, exprime uma verdade. A linguagem fotográfica pode representar, ainda que de forma inquieta e interrogante, a reprodução do real, na sua tenaz opacidade. Etimologicamente, fotografar significa escrever com luz. A partir desses conceitos e reflexões nasceu o projeto "Doce de Santo".

Doce de Santo – o projeto

Este projeto foi semeado em um evento social no ateliê, Estúdio 391, situado no bairro da Pituba, Salvador (BA), e teve como objetivo, além da confraternização, homenagear os santos gêmeos da São Cosme e São Damião. Neste evento, foi solicitado a alguns Artistas Visuais que levassem registros de seus trabalhos no

formato de rótulo para frascos de 500 mililitros (15 centímetros de altura). Entre todos que compareceram à reunião, 30 abrilhantaram o encontro com imagens que foram expostas em vidros de compota de doce distribuídos em uma estante de madeira, pousada sobre uma mesa de vidro no hall de entrada do ateliê. (Figura 1)

Figura 1 - Matriz geradora do projeto Doce de Santo – Estúdio 391, 2008

Diante deste "altar", foram estabelecidos diálogos questionando o papel dos santos como "provedores de acesso rápido a Deus", tendo como gênese conceitual e matérica, o trabalho de pesquisa sobre religiosidade. Desta forma, o projeto "Doce de Santo" foi pensado para recortar e pontuar fragmentos de vivências da cultura popular, visando especialmente o desdobramento das pesquisas iniciadas sobre o tema referido. Em primeira instância, abordou-se a banalização do sagrado, a sacralização do homem e a transformação de santos numa ótica de verdadeiros super-heróis da contemporaneidade. Em amadurecimento sobre a proposta inicial, as possibilidades de leitura sobre o real e o imaginário de cada artista foram inseridas na proposta, selando um acordo com a contemporaneidade.

A expansão de Doce de Santo

Com o intuito de expandir fronteiras, esta iniciativa foi transformada e ampliada em um projeto de exposição de um coletivo de artistas, com intenção de viajar por

diversos lugares, permitindo ao público ter acesso a um espectro mais amplo e variado da produção artística. A exibição desse conjunto de registros-obras em diversos espaços é uma oportunidade de apresentar à população um trabalho que vem sendo desenvolvido em ambientes de pesquisa, de ensino, em ateliês de artistas e ambientes afins, comungando sob o olhar da fotografia todas as formas de expressão em artes visuais.

É um projeto de cunho processual, pois existem possibilidades de complementação na medida em que novas obras são acrescentadas à proposta inicial. Propõe-se a participação de 365 artistas, onde o experimento permite estabelecer um diálogo entre a matéria, a idéia e o fazer artístico ao longo do processo criativo: um artista para cada dia do ano e seu olhar diferenciado sobre seu objeto de trabalho. Assim, os artistas integrantes do projeto, propiciam um entrelaçamento das suas poéticas visuais, além de possibilitar a interlocução com a vivência de outros pela criação de uma obra processual.

A necessidade de associar conceitos foi criada para "Doce de Santo" a partir de um impulso que não é necessariamente nem agressão nem reação por parte do sujeito. Nossa iconografia oscila intencionalmente entre pólos opostos. Em primeiro olhar, foi escolhido trabalhar com os santos Cosme e Damião por estarem associados aos doces e guloseimas distribuídos por ocasião da sua festa, sendo ampliado, posteriormente, para qualquer forma de leitura sobre o "duplo" de cada artista. Como resposta dirigida ao inconsciente, na construção de uma pretensa "compota de doce de santo", ela se torna referência de atributo associado ao personagem híbrido de força e sacralidade, formando o retrato de um "santo da contemporaneidade", uma imagem mítica da própria necessidade de sobrevivência.

Compotas, pois, são um meio de conservação de frutos em açúcar para que posteriormente sejam apreciados como lanche ou aperitivo. Trazemos obras de arte (fotografia) ou seu registro fotográfico aprisionadas em vidros de doce, como compotas e conservas. Assim, dentro destes frascos, o artista cria blocos de sensações (afetos e perceptos) e sua única lei é que o seu produto deve durar, permanecer. A obra de arte se legitima, conquista o caráter de monumento que se perpetua, quando consegue escapar a qualquer sentimento vivido pelo indivíduo (afeição) e independe do estado daqueles que as experimentam (percepção),

criando potências que se conservam em si: afetos e perceptos. Então, a arte se conserva em si, e é no mundo uma das poucas coisas que se conserva, embora nunca dure mais que seus materiais. Ela independe do criador e do fruidor. *"O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afetos"* (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.213). Perceptos e afetos abrigados dentro das compotas de "Doce de Santo" são potências e/ou possibilidades de sensações.

É possível, nesse momento, retomar o pensamento duchampiano para refletir sobre outra forma de olhar a compota e sua relação com a imagem nela inserida. Trata-se do deslocamento, da sacralização do objeto e da incorporação do conceito de relicário/relíquia. O frasco passa a exercer, em um novo contexto, o papel de receptáculo. Ao ser deslocado de sua função original e ser inserido no espaço de arte, assume o tom solene de relicário. A imagem no momento que está aí presente desempenha a função semelhante à de uma relíquia. (Figura 2; Figura 3) Aprofundando o pensamento em Sebastião Pedrosa, ele comenta que relíquias, sejam de natureza domestica ou sagrada, estão sempre associadas ao passado. Podem ser de detalhes, resíduos, vestígios, fragmentos. Também podem ser de afetos e sensações e sentimentos. Estão presentes, mas não deixam ser tocadas; estão expostas, mas não permitem ver na totalidade porque estão sob uma lamina de vidro, preservando seu mistério, segredo ou enigma nelas contidos (PEDROSA, 2005, p 230). Estabelece-se uma aproximação entre este pensamento e a forma de apresentação das fotografias em vidros de compotas.

Figura 2
Obra do Artista Visual inglês Graham Snow

Figura 3
Obra do Artista Visual Evandro Sybine

Após as considerações acima, serão apresentadas a seguir as passagens da mostra por espaços distintos e características próprias.

"Doce de Santo" na Galeria ACBEU

O projeto foi se formatando e "Doce de Santo", no ano de 2009, foi contemplado em seleção pública para a Galeria ACBEU, Salvador (BA). Os convites aos artistas foram feitos pessoalmente ou via correio eletrônico. O nível de adesão à proposta foi alto, com a participação de artistas de diversos países do mundo: Alemanha, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, Guatemala, Inglaterra, Portugal. Estabeleceu-se uma rede de contatos em que um artista trazia outro artista, que trazia outro e assim sucessivamente vários participantes foram agregados (e ainda o são) nesta proposta.

Como as expressões artísticas, muitas vezes, utilizam suportes instáveis, precários, e/ou conceituais, optou-se por utilizar a fotografia como meio padrão de documentação da obra de arte ou ser a própria linguagem artística que traduziria o pensamento criador. Assim, para "Doce de Santo", as obras-registros deveriam ter dimensões 10 x 15 centímetros e serem impressas em papel fotográfico. Poderiam chegar à central do projeto via sistema habitual dos correios ou em formato digitalizado, enviadas pelo correio eletrônico dos pesquisadores responsáveis/curadores.

A poética visual inserida nesta proposta se constitui em uma forma de contestação e reflexão que toma elementos pertencentes ao imaginário artístico e poético como fonte de sentido e significado, revelando formas híbridas como modo de compreensão e crítica desse processo. A mostra na Galeria ACBEU foi inaugurada em 05 de junho de 2009 e ficou em visitação pública do dia 06 a 20 do referido mês, contando com a participação de 221 artistas. A ocupação do espaço expositivo se deu com as "compotas de santo", distribuídas em cinco gôndolas de duas prateleiras, medindo 160 x 160 centímetros, assemelhando-se a mercadorias em um supermercado. Cada prateleira inferior recebeu ornamentação em papel de seda branco recortados com motivos geométricos diversificados feitos pela Artista Visual Célia Mallet, como se fossem toalhas utilizadas em nichos e prateleiras de armários, conferindo uma atmosfera popularesca. Cada compota foi identificada com o nome

do artista escrito à mão, em etiqueta semelhante àquela que é vista habitualmente nas compotas de doce artesanal. (Figura 4)

Figura 4 - Detalhe da exposição Doce de Santo na Galeria ACBEU (BA), 06 a 20 de junho de 2009

"Doce de Santo" no Espaço Juarez Paraíso – EBA/UFBA

No período de 21 a 26 de setembro de 2009, durante o 18º Encontro Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) o projeto foi mostrado no Espaço Juarez Paraíso/EBA/UFBA, com a adesão de mais dez artistas-pesquisadores. Alguns dos associados da ANPAP estavam entre os que primariamente já haviam se inserido na mostra, outros aderiram à proposta durante a exposição. Alguns alunos do curso de graduação da EBA também se incluíram entre os novos participantes nesse momento. Pela estrutura física do local de exposição e pela situação no *hall* de entrada de uma das salas das comunicações, as gôndolas foram distribuídas de forma que os participantes do evento e convidados transitassem repetidamente durante todo o Encontro. Essa aproximação intencional fez com que "Doce de Santo" e o espaço onde estava inserido se assemelhasse a um verdadeiro mercado popular, com o trânsito intenso de pessoas e os "produtos" expostos à apreciação e comentários diversos. (Figura 5)

Figura 5 - Detalhe da exposição Doce de Santo no Espaço Juarez Paraíso (EBA/UFBA), 21 a 26 de setembro de 2009

"Doce de Santo" na Galeria Carlo Barbosa

Em função da participação maciça de Artistas Visuais da cidade de Feira de Santana (BA), o projeto foi mostrado na Galeria Carlo Barbosa, do Centro Universitário de Cultura e Arte – CUCA, uma galeria de cunho acadêmico pertencente à Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). No período de 08 a 29 de outubro do mesmo ano, "Doce de Santo" foi apresentada à população da região cuja maior cidade recebe o título de "Princesa do Sertão", uma *urbis*[i] com relevante produção artística nas suas diversas modalidades e berço de renomados Artistas Visuais baianos. A montagem nesse espaço lembrou uma mercearia, um armazém típico de um município do interior do Estado. (Figura 6)

Figura 6 - Detalhe da exposição Doce de Santo na Galeria Carlo Barbosa (CUCA/UEFS/BA), 08 a 29 de outubro de 2009

A obra e o olhar do outro

"Toda forma é um rosto que nos olha". Propor reflexão sobre essa metáfora de Serge Daney é, certamente, o grande diferencial desse coletivo de artistas, pois as imagens apresentadas além de conversar entre si, nos convidam para participar desse colóquio.

Os artistas integrantes da mostra propiciam um entrelaçamento das suas poéticas visuais e possibilitam a interlocução com a vivência de outros, pela criação de uma obra plural e processual. As obras deixam transparecer seu processo de criação e produção, além do comportamento indiciário de cada uma como ponto de referência. Assim, falam da essência da prática artística, que de acordo com Nicolas Bourriaud *reside na invenção de relações entre sujeitos*. Para ele, *cada obra de arte particular seria a proposta de habitar um mundo em comum, enquanto o trabalho de cada artista comporia um feixe de relações com o mundo, que geraria outras relações, e assim por diante, até o infinito*. (BOURRIAUD, 2009, p 30)

O conjunto de obras apresentado pode ser observado a qualquer momento, está à vista, oferecendo-se à curiosidade do público. Os indivíduos que mantêm contato

com as obras vão além dos limites visuais, pois os vidros expostos nas prateleiras suscitam interação; podem ser admirados, tocados, manipulados. O público estabelece uma relação direta com a obra, tornando-se íntimo dela, conhecendo-a, entendendo-a, desvendando-a. O corpo do fruidor ao entrar em contato com a obra promove uma expansão dos seus limites, propiciando uma fusão corpo-obra, estabelecendo uma contaminação mútua pela agregação de valores: a obra imprime uma marca, tatua o indivíduo e este é deslocado para o processo de criação, tornando-se um co-autor da obra. (Figura 7, Figura 8) Sem esta interação, a proposta não se realizaria. Provavelmente não seriam despertadas sensações de estranhamento ou familiaridade com a obra, com o artista ou com os curadores, que também possuíam trabalhos no inseridos na mostra.

Considerações finais

Doce de Santo é uma proposta plural. Tem voz ampla e aborda repertórios de inteligibilidade de ações que evocam passagens temporalmente construídas na relação com o outro. Durante seu percurso, trabalhou-se com os conceitos de duplicidade, relíquia, sagrado/profano, consumo, real/imaginário, transparência.

Neste projeto, cada pote é visto como um oráculo: basta saber lê-lo. Ele permite, a cada indivíduo, por meio de análise de seu conteúdo, obter um pouco mais de autoconhecimento e, também, conhecimento dos outros, nunca no sentido de se converter em crítico, mas sim no sentido de descobrir como viver melhor consigo mesmo e com as outras pessoas.

Além de tratar do processo criativo e suas implicações num desdobramento contínuo, este projeto destaca-se pela atualidade da sua temática que, propõe a

criação artística a partir de conexões e interlocuções entre a cultura e a visão social, contribuindo para o desenvolvimento de ações multidisciplinares, vivenciando uma intervenção que inclui a nossa diversidade.

[i] *urbis* é "cidade constituída", em latim.

Referências

BOURRIAUD, N. Estética Relacional. 2ª Ed. Tradução Denise Bottmann do original *Esthétique relationelle* de 1998. São Paulo: Martins Fontes, 2009

DANEY, S; (1992), *O 'travelling' de Kapo*. In **Revista de Comunicação e Linguagens**, nº 23, O que é o Cinema? Org. GRILO, João Mário; MONTEIRO, Paulo Filipe. Lisboa: Ed. Cosmos, 1996. pp. 205-221. (Original: "Le travelling de Kapo" in revista Trafic, Outono 1992 e posteriormente in Persévérance, Entretien avec Serge Toubiana, Paris, P.O.L., 1994).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** 2ª ed. Tradução Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz do original *Qu´est ce que la Philpsophie*, de 1991. Copyright Editora 34 Ltda. Coleção Trans. São Paulo. 1992. Rio de Janeiro 1992. 1997. 288 p.

PEDROSA, SG. Os relicários azuis: segredos por trás do vidro. In: **Cultura visual e desafios da pesquisa em arte**. Organizadores: Alice Fátima Martins, Luís Edegar Costa e Rosana Horio Monteiro. Goiânia: ANPAP; 2005. 2 v.

José Henrique Silva Barreto.

Doutor em Medicina (PPGMS/UFBA) e Mestrando em Artes Visuais (PPGAV/UFBA). Integrante do Grupo MAMETO (CNPq). Prêmio na 8ª Bienal do Recôncavo (2006), Salões Regionais da FUNCEB (2006) e menção honrosa na 9ª Bienal do Recôncavo (2008). Obras selecionadas para exposições coletivas na Caixa Cultural Salvador (2007), Centro Cultural Correios Salvador (2008).

Luiz Cláudio Ferreira Campos.

Especialista em Arte Contemporânea (UNC/CENAPPE) e Mestre em Artes Visuais (PPGAV/UFBA). Integrante do Grupo MAMETO (CNPq). Prêmio na 8ª Bienal do Recôncavo (2006), Salões Regionais da FUNCEB (2006) e menção honrosa na 9ª Bienal do Recôncavo (2008). Obras selecionadas para exposições coletivas na Caixa Cultural Salvador (2007), Centro Cultural Correios Salvador (2008) e individual no MAS / UFBA (2009).